

## A falácia do discurso neoliberal



*A iniciativa privada, regida pelo lucro e pelas determinações do mercado, não cumpre papel central ou relevante para suprir as emergências de milhões de pobres e excluídos, tampouco figuras que ocupam pastas de relevo no governo. Todos sumiram, pois são nulidades que nada têm a contribuir neste momento gravíssimo da história brasileira*

**Por Kátia Gerab Baggio\***

A pandemia de Covid-19 está desmontando, de maneira inclemente — como muitos analistas têm observado —, a falácia do discurso e das políticas econômicas neoliberais, de enxugamento do Estado, e ultraliberais, de defesa do Estado mínimo e privatização de praticamente todos os setores da economia, neste contexto de hiperglobalização dos mercados financeiros.

A iniciativa privada, regida pelo lucro e pelas determinações do mercado, não cumpre papel central ou relevante para suprir as emergências de milhões de pobres e excluídos. Pode fazer ações pontuais, mas a coordenação econômica e as políticas de massa são sempre do Estado, tanto nas situações emergenciais (como pandemias ou desastres, naturais ou não) como nas ações para combater as desigualdades.

Escutei na *GloboNews* um jornalista afirmar que, com a pandemia, faltava uma voz, no governo federal, que coordenasse as ações sociais. E que essa voz não era a de Onyx Lorenzoni, que tomou posse como ministro da Cidadania no dia 18 de fevereiro de 2020, sucedendo a Osmar Terra.

Alguém sabe o nome do secretário de Desenvolvimento Social, antiga pasta absorvida pelo Ministério da Cidadania?

Entrei, neste dia 1º. de abril, na página da Secretaria de Desenvolvimento Social e não consegui descobrir o nome do secretário(a). Há os nomes dos responsáveis pelas subsecretarias, mas não encontrei o nome do titular da Secretaria.

O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, criado pelo ex-presidente Lula em janeiro de 2004, teve titulares que realizaram um trabalho importantíssimo no combate à fome, à miséria, à pobreza e às desigualdades sociais, principalmente Patrus Ananias, ministro da pasta de janeiro de 2004 a março de 2010 (governo Lula), e Tereza Campello, de janeiro de 2011 a maio de 2016 (governo Dilma).

Já escutei na *GloboNews*, nestas semanas de pandemia, referências ao trabalho de Betinho — como era conhecido o sociólogo Herbert de Souza, criador do projeto “Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida”, fundamental, sem dúvida — e à importância do Bolsa Família, mas nenhuma menção (repito: nenhuma) aos nomes de Lula, Dilma, Patrus ou Tereza Campello (registro que o Bolsa Família é um programa gerido pela pasta de Desenvolvimento Social, hoje Secretaria).

# a terra é redonda

Sabemos, e não esqueceremos, que as corporações de mídia — principalmente a mais poderosa, o Grupo Globo, cujos veículos cumprem, agora, um importantíssimo papel informativo durante a pandemia de Covid-19 — tiveram um papel fundamental no processo de desestabilização da democracia e de demonização do PT como “partido mais corrupto do Brasil”, além do apoio a todas as reformas antissociais dos (des)governos Temer e Bolsonaro: EC 95 (teto de gastos), (contra)reforma trabalhista e (contra)reforma da Previdência, que iriam “salvar a economia brasileira”, lembram-se?

Agora, diante da tragédia mundial da Covid-19, todos os jornalistas e economistas, praticamente sem exceção, apelam ao Estado.

Onde estão figuras como Salim Mattar, titular da Secretaria Especial de Desestatização, Desinvestimento e Mercados do Ministério da Economia?

Ou Abraham Weintraub, “ministro” da Educação que deveria estar nas coletivas do governo federal, mas que praticamente desapareceu, desde que a pandemia começou a se espalhar pelo país e se tornou um problema gigantesco e absolutamente urgente?

E o ministro da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, Marcos Pontes, por que não participa das coletivas?

E Damares Alves, titular do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos?

Sumiram, pois são nulidades que nada têm a contribuir neste momento gravíssimo da história brasileira.

Nós, historiadores, temos esse “vício” de ofício: não esquecer o passado, nem o remoto e nem o recente.